

SUPERVISÃO DA AMAMENTAÇÃO NA CONSULTA DA PRIMEIRA SEMANA DE VIDA NA REDE BÁSICA DO BRASIL: PREVALÊNCIA E FATORES RELACIONADOS

ALEXSANDRO BEHRENS ZIBEL¹; ELAINE TOMASI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – lexberens@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – tomasiet@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A amamentação enquanto direito da criança e dever do Estado em sua promoção, (UNICEF, 2020) apresenta um leque de benefícios nutricionais, emocionais, imunológicos, econômico-sociais e de aporte para o desenvolvimento, benefícios à saúde materna, além da redução da morbi-mortalidade infantil. (ALMEIDA; LUZ; UED, 2015; ALVES; DE OLIVEIRA; DE MORAES, 2013; AMARAL *et al.*, 2020)

Ainda estamos longe do cumprimento da recomendação do Ministério da Saúde (MS) sobre aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida (AMARAL *et al.*, 2020) e a falta de orientações corretas dos profissionais de saúde é uma das causas de desmame precoce (REGO, 2015) ao mesmo tempo em que o aconselhamento profissional é útil para reforçar a autoestima e capacidade de amamentar da nutriz (AIKEN; THOMSON, 2013; BATISTA; FARIA; MELO, 2013).

Os serviços de saúde de atenção básica representam uma oportunidade de enfatizar as boas práticas relacionadas ao aleitamento materno, tanto no pré-natal quanto nos primeiros dias de vida.

O objetivo desse estudo foi descrever a prevalência e fatores relacionados ao ato de supervisão da amamentação na consulta na primeira semana de vida da criança na rede básica do Brasil utilizando os dados do ciclo III do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ), a fim de apresentar a importância das orientações das equipes de saúde no aumento das taxas de aleitamento materno.

2. METODOLOGIA

Em 2011, instituições participantes da Rede de Pesquisa em Atenção Primária à Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) foram convidadas pelo MS a participar do processo de avaliação externa das equipes de atenção básica no país, no âmbito do PMAQ. Foi formada uma coordenação nacional de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) composta inclusive pela Universidade Federal de Pelotas sob a liderança do Departamento de Atenção Básica (DAB).

Realizou-se três ciclos avaliativos do PMAQ, sendo utilizado no presente dados do terceiro ciclo. Delineamento transversal foi utilizado em cada um dos três ciclos, onde a população-alvo foi constituída pelas usuárias de unidades de saúde de todo o Brasil com filhos menores de dois anos, em serviços que aderiram ao PMAQ.

Como critérios de inclusão, na busca por usuárias frequentes, foram entrevistadas as mães que estavam na unidade de saúde aguardando atendimento no dia da visita e que tinham utilizado os serviços da unidade de

saúde anteriormente, num período inferior a um ano. Se a mãe tivesse dois filhos com menos de dois anos apenas o mais novo seria considerado.

Os critérios de exclusão foram: a) não ter filho ou ter filho maior de dois anos; b) não ter utilizado os serviços da unidade anteriormente; c) ter utilizado os serviços há mais de 12 meses; d) não ter realizado a primeira consulta da criança dentro dos primeiros sete dias após o nascimento.

A amostra de unidades de saúde foi composta por todos os estabelecimentos que possuíam equipes de saúde indicadas pela gestão municipal e que aderiram ao PMAQ sendo consideradas 31.092 UBS. Para cada uma das equipes de atenção básica participante do PMAQ foram entrevistados quatro usuários residentes no seu território de abrangência. Foram entrevistados no ciclo III 140.444 usuários. Destes, 15.745 eram mulheres com filhos menores de dois anos de idade.

Para a amostra de usuárias cujas crianças foram vistas pela equipe de saúde na primeira semana de vida ($n=9.869$) foi feita a pergunta: “a criança foi colocada para mamar na consulta feita na primeira semana?”, sendo esta a definição operacional do desfecho. As variáveis de exposição foram escolaridade materna, região geopolítica do país e se foi orientada sobre aleitamento materno exclusivo até os seis meses durante o pré-natal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as 9.869 mulheres cujas crianças tiveram a consulta na primeira semana de vida, 36% estavam na região Nordeste do país enquanto 13% na região Sul. Quando perguntadas sobre sua escolaridade 11% tinham no mínimo iniciado o ensino superior enquanto 22% estavam com ensino fundamental incompleto. Consideradas as que realizaram pré-natal 5% não receberam orientações sobre aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida da criança durante o pré-natal.

Uma em cada quatro crianças (24%) não foram colocadas para mamar na consulta realizada na primeira semana de vida.

Em relação a variável região, 18% das crianças da região Nordeste não foram colocadas para mamar na consulta da primeira semana, ao passo que na região Sul este percentual foi de 33%.

Quanto maior a escolaridade materna, maior o percentual de crianças que não tiveram a amamentação observada. Contudo estudos mostram que baixa escolaridade materna leva a desmame precoce (ALVES; DE OLIVEIRA; DE MORAES, 2013; AMARAL *et al.*, 2020; BARBOSA *et al.*, 2018) e que maior escolaridade está relacionada à maior apreensão e compressão das orientações recebidas. (BATISTA; FARIAS; MELO, 2013)

A maior associação foi encontrada ao se examinar o desfecho de acordo com a orientação de aleitamento materno exclusivo até os seis meses realizada no pré-natal. Mais de metade (51%) das mulheres que não foram orientadas no pré-natal sobre aleitamento acabaram por não terem a criança posta para mamar na consulta da primeira semana, enquanto que esta proporção foi de apenas 22% entre aquelas que foram orientadas no pré-natal.

Isto evidencia a importância da capacitação dos profissionais de saúde para incrementar a prevalência do aleitamento materno (ALMEIDA; LUZ; UED, 2015; BATISTA; FARIAS; MELO, 2013; BONILHA; SCHMALFUSS; LIPINSKI, 2010; VÍTOLO *et al.*, 2014) e corroborando estudos em que há associação positiva entre orientações recebidas sobre aleitamento materno com o desfecho de aleitamento

materno exclusivo (ALVES; OLIVEIRA; RITO, 2018; BATISTA; FARIAS; MELO, 2013; VÍTOLO *et al.*, 2014).

Todas as variáveis apresentaram associação estatisticamente significativa com o desfecho ($p < 0,001$).

4. CONCLUSÕES

Em que pese a persistência de desigualdades regionais e socioeconômicas em mais este indicador de qualidade da atenção à saúde materno-infantil na rede básica, neste trabalho foi possível detectar também o papel das equipes de saúde. A qualidade do pré natal e da atenção na primeira semana de vida se relacionam.

Equipes que orientam sobre amamentação no pré-natal tem mais probabilidade de colocar a criança para mamar (observar a pega, corrigir, orientar) na consulta da primeira semana de vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKEN, A.; THOMSON, G. Professionalisation of a breast-feeding peer support service: Issues and experiences of peer supporters. **Midwifery**, [S. I.J, v. 29, n. 12, p. e145–e151, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.midw.2012.12.014>

ALMEIDA, J. M. De; LUZ, S. D. A. B.; UED, F. D. V. Apoio ao aleitamento materno pelos profissionais de saúde: revisão integrativa da literatura. **Revista Paulista de Pediatria**, [S. I.J, v. 33, n. 3, p. 356–363, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rpped.2014.10.002>

ALVES, A. L. N.; DE OLIVEIRA, M. I. C.; DE MORAES, J. R. Iniciativa Unidade Básica Amiga da Amamentação e sua relação com o aleitamento materno exclusivo. **Revista de Saude Publica**, [S. I.J, v. 47, n. 6, p. 1130–1140, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2013047004841>

ALVES, J. de S.; OLIVEIRA, M. I. C. de; RITO, R. V. V. F. Orientações sobre amamentação na atenção básica de saúde e associação com o aleitamento materno exclusivo. **Ciencia e Saude Coletiva**, [S. I.J, v. 23, n. 4, p. 1077–1088, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.10752016>

AMARAL, S. A. do *et al.* Intenção de amamentar, duração do aleitamento materno e motivos para o desmame: um estudo de coorte, Pelotas, RS, 2014. **Epidemiologia e servicos de saude : revista do Sistema Unico de Saude do Brasil**, [S. I.J, v. 29, n. 1, p. e2019219, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/s1679-49742020000100024>

BARBOSA, G. E. F. *et al.* Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo. **Revista Brasileira de Saude Materno Infantil**, [S. I.J, v. 18, n. 3, p. 517–526, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93042018000300005>

BATISTA, K. R. de A.; FARIAS, M. do C. A. D. de; MELO, W. dos S. N. de. Influência da assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato. **Saúde em Debate**, [S. I.J, v. 37, n. 96, p. 130–138, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-11042013000100015>

BONILHA, A. L. de L.; SCHMALFUSS, J. M.; LIPINSKI, J. M. REBEn omoção do aleitamento materno promoção. *[S. l.], p. 811–816, 2010.* Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n5/19.pdf>

REGO, J. D. **Aleitamento materno - um guia para pais e familiares.** 3^a ed. *[S. l.: s. n.]*. E-book.

UNICEF. **Aleitamento materno.** *[s. l.]*, 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/aleitamento-materno>. Acesso em: 26 set. 2020.

VÍTOLO, M. R. *et al.* Impacto da atualização de profissionais de saúde sobre as práticas de amamentação e alimentação complementar. **Cadernos de Saude Publica**, *[S. l.]*, v. 30, n. 8, p. 1695–1707, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00186913>